

**HUMANO, DEMASIADO HUMANO***Um livro para espíritos livres (1878)*

**2.** *Defeito hereditário dos filósofos.* — Todos os filósofos têm em comum o defeito de partir do homem atual e acreditar que, analisando-o, alcançam seu objetivo. Involuntariamente imaginam "o homem" como uma *aeterna veritas* [verdade eterna], como uma constante em todo o redemoinho, uma medida segura das coisas. Mas tudo o que o filósofo declara sobre o homem, no fundo, não passa de testemunho sobre o homem de um espaço de tempo *bem limitado*. Falta de sentido histórico é o defeito hereditário de todos os filósofos; inadvertidamente, muitos chegam a tomar a configuração mais recente do homem, tal como surgiu sob a pressão de certas religiões e mesmo de certos eventos políticos, como a forma fixa de que se deve partir. Não querem aprender que o homem veio a ser, e que mesmo a faculdade de cognição veio a ser; enquanto alguns deles querem inclusive que o mundo inteiro seja tecido e derivado dessa faculdade de cognição. — Mas tudo o que é *essencial* na evolução humana se realizou em tempos primitivos, antes desses quatro mil anos que conhecemos aproximadamente; nestes o homem já não deve ter se alterado muito. O filósofo, porém, vê "instintos" no homem atual e supõe que estejam entre os fatos inalteráveis do homem, e que possam então fornecer uma chave para a compreensão do mundo em geral: toda a teleologia se baseia no fato de se tratar o homem dos últimos quatro milênios como um ser *eterno*, para o qual se dirigem naturalmente todas as coisas do mundo, desde o seu início. Mas tudo veio a ser; *não existem fatos eternos*: assim como não existem verdades absolutas. — Portanto, o *filosofar histórico* é doravante necessário, e com ele a virtude da modéstia.

**279.** *Aliviando a vida.* — Um dos principais meios de aliviar a vida é idealizar todos os seus eventos; mas é preciso obtermos da pintura uma noção clara do que é idealizar. O pintor solicita que o espectador não olhe de maneira demasiado aguda e precisa, ele o obriga a recuar uma certa distância para olhar; ele tem de pressupor um afastamento bem determinado do observador em relação ao quadro; deve até mesmo presumir, em seu espectador, um grau igualmente determinado de agudeza do olhar; em tais coisas ele não pode absolutamente hesitar. Portanto, quem quiser idealizar sua vida não deve querer vê-la com demasiada precisão, deve sempre remeter o olhar para uma certa distância. Desse artifício entendia Goethe, por exemplo.

**A GAIA CIÊNCIA (1882)**

**343.** *O sentido da nossa jovialidade.* O maior acontecimento recente – o fato de que "Deus está morto" de que a crença no Deus cristão perdeu o crédito – já começa a lançar suas primeiras sombras sobre a Europa. (...) algum sol parece ter se posto, alguma velha e profunda confiança parece ter se transformado em dúvida: para eles o nosso velho mundo deve parecer cada dia

mais crepuscular, mais desconfiado, mais estranho, "mais velho" (...) – e tudo quanto irá desmoronar, agora que esta crença foi minada, porque estava sobre ela construído, nela apoiado, nela arraigado: toda a nossa moral europeia, por exemplo. Essa longa e abundante sequência de ruptura, declínio, destruição, cataclismo, que agora é iminente (...) De fato, nós, filósofos e "espíritos livres", ante a notícia de que "o velho Deus morreu" nos sentimos como iluminados por uma nova aurora; nosso coração transborda de gratidão, espanto, pressentimento, expectativa – enfim o horizonte nos aparece novamente livre, embora não esteja limpo, enfim os nossos barcos podem novamente zarpar ao encontro de todo perigo, novamente é permitida toda a ousadia de quem busca o conhecimento, o mar, o nosso mar, está novamente aberto, e provavelmente nunca houve tanto "mar aberto".

**372.** *Por que não somos idealistas.* - Outrora os filósofos temiam os sentidos – não teremos esquecido demais esse temor? Somos todos sensualistas, nós, homens de hoje e homens do futuro da filosofia, não no plano da teoria, mas naquele da práxis, da prática... Os filósofos de outrora, pelo contrário, acreditavam ser atraídos pelos sentidos para fora de seu mundo, o frio reino das "ideias", numa ilha perigosa e mais meridional, onde temem ver suas virtudes de filósofos derreter como a neve ao sol. Para filosofar era preciso então tapar os ouvidos com cera; um verdadeiro filósofo não entendia a vida porquanto a vida é música, e ele negava a música da vida – é uma velha superstição de filósofo acreditar que toda música é música de sereia. – Hoje seríamos tentados a julgar no sentido contrário (o que poderia ser em si do mesmo modo falso): a acreditar que as ideias tem um poder de sedução mais perigoso que os sentidos, com seu aspecto frio e anêmico e até mesmo não por esse aspecto as ideias sempre viveram do "sangue" dos filósofos, roeram sempre os sentidos dos filósofos e até mesmo, se se quiser acreditar, seu "coração". [...] Em suma, todo idealismo filosófico foi até agora uma espécie de doença, em toda parte onde não foi, perigosa, o temor de sentidos superpoderosos, a sabedoria de um sábio discípulo de Sócrates. Talvez nós, homens modernos, não somos bastante saudáveis para ter necessidade do idealismo de Platão. (...)

---

### ECCE HOMO

*Ou como se chega a ser o que se é (1888)*

---

### HUMANO, DEMASIADO HUMANO

Com dois apêndices

**1.** «Humano, demasiado humano» é o monumento de uma crise. Chama-se também um livro para espíritos livres: quase cada frase exprime aí uma vitória – libertei-me com ele do que era *impróprio* da minha natureza. O idealismo não me é peculiar: o título diz «onde vós vedes coisas ideais, vejo eu – coisas humanas, ah! apenas demasiado humanas!»... Conheço *melhor* o homem... Em nenhum outro sentido se deve entender a palavra «espírito livre»: um espírito que se tornou livre,

que de novo tomou posse de si mesmo. O tom, o acento vocal, modificou-se de todo: o livro considerar-se-ia sutil, reservado e, segundo as circunstâncias, duro e desdenhoso. Uma certa espiritualidade de gosto *nobre* parece sobrepujar continuamente uma torrente passional que se agita na profundidade(...) Erro após erro se deposita no gelo, o ideal não é refutado – congela-se... Aqui, por exemplo, congela «o gênio»; num canto mais além, congela o «santo»; sob uma espessa camada de gelo, congela «o herói»; por fim, congela «a fé», a chamada «convicção», também a «compaixão» arrefece de um modo considerável –quase em toda a parte congela «a coisa em si»...

---

### FRAGMENTOS PÓSTUMOS

---

#### XIII 9[35]27-29 — [Niilismo Ativo e Niilismo Passivo]

##### 1. O niilismo um estado normal

Niilismo: falta a finalidade; falta a resposta ao “para que?”; o que significa niilismo? — que os valores supremos se desvalorizam.

Isto é duvidoso:

A. Niilismo enquanto sinal do poder aumentado do espírito: enquanto niilismo ativo. Pode ser um sinal de força: a força do espírito pôde crescer de tal maneira, que os alvos fixados até então [“convicções”, artigos de fé] não estavam à sua altura

— de fato, uma crença exprime geralmente a violência das condições de existência, uma submissão à autoridade das circunstâncias nas quais um ser prospera, adquire poder...

Por outro lado, um sinal de força insuficiente para poder produtivamente se atribuir um novo fim, um porquê, uma crença.

Ele atinge seu maximum de força relativa enquanto força violenta da destruição: enquanto niilismo ativo. Seu contrário seria o niilismo esgotado que para de atacar: sua forma mais célebre, o budismo: enquanto niilismo passivo.

O niilismo representa um patológico estado intermediário [patológica é a enorme generalização, a conclusão de uma ausência total de sentido]: seja porque as forças produtivas não são ainda bastante poderosas; seja porque a *décadence* hesita e os remédios não foram ainda inventados.

B. Niilismo enquanto declínio e regressão do poder do espírito: o niilismo passivo: enquanto sinal de fraqueza: a força do espírito pode estar cansada, esgotada, de maneira que os objetivos e os valores até então predominantes são agora inadequados, impróprios e não encontram mais credibilidade — na medida em que a síntese dos valores e dos fins [sobre a qual repousa o poder

de uma cultura] se dissolve, ainda que os diferentes valores estejam em guerra: decomposição na medida em que tudo o que reconforta, cura, tranquiliza, atordoa, passa para o primeiro plano, sob diversos disfarces: religiosos, morais, políticos, estéticos etc.

## 2. Pressupostos desta hipótese

Que não há absolutamente verdade; que não há qualquer conformação absoluta das coisas, qualquer “coisa em si”

— isto mesmo é um niilismo, e, para falar a verdade, o mais extremo. Ele coloca o valor das coisas precisamente no fato de que nenhuma realidade corresponde a este valor, mas somente um sintoma de forças naqueles que instituíram os valores, uma simplificação dos fins da vida.

### **XIII 9[43]31-33 — [Niilismo Extremo]**

A questão do niilismo “para que?” procede do velho hábito de considerar o fim como posto, como dado, exigido do exterior — ou seja, por uma autoridade supra-humana qualquer. A partir do momento em que se esqueceu de acreditar nisso, se procurou também, seguindo este velho hábito, uma outra autoridade que pudesse falar absolutamente, comandar os fins e as tarefas. A autoridade da consciência passa agora para o primeiro plano [quanto mais ela se liberta da teologia, mais a moral se torna imperativa]: enquanto sucedâneo compensatório da perda de uma autoridade pessoal. Ou é a autoridade da razão. Ou é o instinto social [o rebanho]. Ou ainda a ciência histórica com um espírito imanente, que tem seu fim em si mesma, à qual se pode apelar. Gostar-se-ia de poder contornar a vontade, o fato de querer um fim, o risco de fixar um si-mesmo, gostar-se-ia de se desonerar de toda responsabilidade [— aceitar-se-ia o fatalismo]. Enfim: a felicidade e, com alguma tartufaria, a felicidade da maioria

fins individuais e seu conflito

fins coletivos em luta contra os fins individuais. Fazendo isso, cada um toma um partido, também os filósofos.

E se diz:

1] um fim determinado não é absolutamente necessário

2] não é absolutamente previsível.

No momento mesmo em que a força suprema da vontade fosse exigida, ela estaria no seu grau mais fraco e mais pusilânime.

Desconfiança absoluta em relação à força organizadora da vontade para a totalidade. Época em que todas as “apreciações de valor intuitivas” passam, sucessivamente, ao primeiro plano, como se pudesse receber delas as diretrizes, das quais se fica por outro lado privado.

— “por que?” a resposta é exigida

1. pela consciência
2. pelo impulso para a felicidade
3. pelo “instinto social” [gregário]
4. pela razão [“espírito”] — somente para não se ter nada a querer, não se ter absolutamente de impor a si o “para que”
5. enfim, o fatalismo, “não há absolutamente resposta”, mas “isto leva a algum lugar”, “é impossível querer um porquê” com devotamento... ou revolta... Agnosticismo em relação ao fim
6. enfim [a negação enquanto porquê da vida; a vida enquanto algo que se concebe enquanto não-valor e finalmente se liquida.

---

### FILOSOFAR PRO NADA

---

- 1) A vida tem sentido/direção? Quem/o que dá sentido/direção?
- 2) A vida pode não ter sentido?
- 3) Pode alguém não sentir a vida?
- 4) Deus está morto?
- 5) A quem você reza para acabar a pandemia? E se for para acabar com uma doença ou superar uma dificuldade qualquer?